

CARVALHO, Alessandra Lima de. **Entre o desamparo e a precariedade: a vulnerabilidade como potência**. Rio de Janeiro: UNIRIO. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; UNIRIO; Orientadora Ana Maria de Bulhões-Carvalho – PPGAC – UNIRIO. Professora, pesquisadora, diretora e atriz.

RESUMO

Nossa natureza humana e orgânica implica em uma vulnerabilidade fundamental e imperativa que se torna complexo pelo imprevisível que habita os encontros e as relações que se produzem em um mundo partilhado. Afetamos e somos afetados por tudo aquilo que nos toca, direta ou indiretamente. Nesse sentido, a proposta é, inicialmente, refletir sobre três dimensões provisórias para o termo vulnerabilidade (antropológica, social e emocional), partindo de autores como Sigmund Freud, Vladimir Safatle, Judith Butler, Brené Brown e Lisa Kall, discutindo conceitos como desamparo e precariedade sob a ótica da vulnerabilidade. Em seguida, o empenho é analisar duas performances executadas pela pesquisadora e artista Eleonora Fabião, a fim de identificar a vulnerabilidade presente nessas ações operando como motor e matéria do acontecimento performativo. O objetivo é tentar pensar sobre a importância da vulnerabilidade como um exercício fundamental na criação artística, principalmente para as artes da presença.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Desamparo. Precariedade. Performer.

ABSTRACT

Our human and organic nature implies a fundamental and imperative vulnerability that becomes complex due to the unpredictable that inhabits the encounters and relationships that are produced in a shared world. We affect and are affected by everything that touches us, directly or indirectly. In this sense, the proposal is to reflect on three provisional dimensions for the term vulnerability (anthropological, social and emotional), starting from authors such as Sigmund Freud, Vladimir Safatle, Judith Butler, Brené Brown and Lisa Kall, discussing concepts such as helplessness and precariousness from the perspective of vulnerability. Then, the effort is to analyze two performances performed by the researcher and artist Eleonora Fabião, in order to identify a vulnerability present in these actions operating as the engine and substance of the performative event. The objective is to think about the importance of vulnerability as a fundamental exercise in artistic creation, especially for the arts of presence.

Keywords: Vulnerability. Helplessness. Precariousness. Performer.

Aquiles era o mais bravo de todos os guerreiros gregos. Filho de um mortal com uma ninfa tornou-se imortal quando sua mãe Tétis o mergulhou nas águas do rio Estige o tornando quase invulnerável. O lugar por onde sua mãe o segurou não foi banhado pelas águas, por esse motivo, o calcanhar de Aquiles

era o único ponto no qual poderia ser atingido, ali residia sua fraqueza. Anos mais tarde, já conhecido por ser um guerreiro temerário e invencível, Aquiles foi morto na Guerra de Troia. Segundo uma das versões do mito, ele foi atingido no calcanhar por uma flecha envenenada, justamente no único lugar onde as águas do Estige não o tocaram. Em sua vulnerabilidade residia sua humanidade.

Não somos deuses. Nossa condição humana e terrena nos impõe esse fato: somos mortais. Nosso calcanhar de Aquiles se encontra na fragilidade do corpo vivo, que é uma característica constitucional e inerente à encarnação: estar vivo é estar vulnerável, e nosso corpo frágil se encontra em permanente condição de perecer. A própria palavra “vulnerabilidade” apresenta, em sua etimologia, a suscetibilidade do vivo em ser tocado ou ferido. É uma derivação do latim “vulnus” que, em seu sentido próprio, significa: “ferida, golpe (dado ou recebido)” (FARIA, 1962, p. 1078). Ao mesmo tempo, “vulnus” também significa “corte, talho, fenda, abertura”. (FARIA, 1962, p. 1078). Ou ainda, o corte que nos expõe ao imponderável da vida, nossa ferida fundamental, nosso calcanhar de Aquiles, é também abertura.

Aplicada em diferentes contextos, a palavra vulnerabilidade pode ser entendida em muitas dimensões, e sua complexidade abrange diferentes campos do conhecimento. Podemos falar de uma dimensão antropológica, por exemplo, quando ela diz respeito a essa característica fundamental e intrínseca ao universo dos seres vivos: a fragilidade e a finitude. Em outro eixo, podemos pensar a vulnerabilidade em sua dimensão social, quando o ser humano se encontra em condições sociais ou mesmo políticas que potencializam sua fragilidade e aumentam o risco de ser tocado e ferido. E por último, podemos pensar em uma vulnerabilidade emocional, essa diz respeito somente à condição humana, e que nos interpela enquanto seres relacionais.

Como dito acima, em sua dimensão antropológica, é possível afirmar que a vulnerabilidade é uma característica fundamental do vivo: um ser orgânico que precisa considerar a mortalidade sempre iminente. Ser um humano vivente significa estar em permanente abertura aos acontecimentos da vida: ao tempo, aos acidentes, às doenças físicas e mentais, e finalmente à morte. Não é uma escolha, é factual e insolúvel: somos frágeis e mortais. E por mais que o avanço das conquistas científicas e tecnológicas, e o aumento significativo da expectativa de vida dos seres humanos tenham ampliado nossa capacidade de sobrevivência, isso não garantiu até hoje a imortalidade dos nossos corpos.

Desde o nascimento somos expostos à nossa vulnerabilidade. Diferente de outros animais, ao nascermos somos seres pequenos, indefesos e totalmente dependentes. Somos amparados por outro humano que nos alimenta e resguarda de perigos externos, enquanto ainda não somos capazes fisicamente e cognitivamente de estarmos sós no mundo. Levamos anos até caminhar com destreza e discernimento do espaço, para encontrar alimento com autonomia e sapiência, ou mesmo para estabelecer alguma noção e força para autodefesa.

Essa realidade das primeiras experiências humanas levou Freud a pensar sobre o conceito de desamparo primordial, que é justamente essa incapacidade inicial de suprir as necessidades básicas. Para Freud, o fato do ser humano vir ao mundo mais incompleto do que outros animais,

(...) reforça a influência do mundo externo real, promove-se precocemente a diferenciação do eu a partir do isso, eleva-se a importância dos perigos do mundo externo e aumenta-se enormemente o valor do objeto que só ele, pode proteger desses perigos e substituir a vida intrauterina perdida. Esse fator biológico produz assim as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que não mais abandonará o ser humano. (FREUD, 2019, p.156)

Assim, ao sentir fome, sede, frio, calor, dor, ou desconforto, o bebê chora. Seu choro é como um alarme de que algo não vai bem: ele está vivenciando a experiência do desamparo que vai delineando o “eu” a partir das impressões que vão sendo registradas no inconsciente (isso). A imaturidade física e psíquica da criança a coloca em uma total dependência de outro ser humano com quem articula as suas experiências e conseqüentemente as representações de prazer e desprazer, de amparo e desamparo. Essas vivências acabam por moldar a relação com o outro a partir da falta e da expectativa de que esse “outro” seria a força do amparo que daria sentido à existência.

É também no “outro” que esperamos o reconhecimento que nos constitui como alguém, que nos constitui como humanos. Segundo a filósofa Judith Butler, a nossa humanidade exige o reconhecimento fora de nós para que possa existir. Isso porque, “a vulnerabilidade assume outro significado no momento em que é reconhecida, e o reconhecimento exerce o poder de reconstituir a vulnerabilidade”. (BUTLER, 2020, p. 65). Assim, apesar de possuímos corpos vulneráveis e, por isso, precários, existem abismos na distribuição das vulnerabilidades: algumas vidas são mais matáveis, ou mais enlutáveis¹ que outras, porque são consideradas menos humanas. E a inevitabilidade da morte, que a princípio nos une como humanos, também pode ampliar a diferença entre os corpos que importam e aqueles que não importam nessa relação.

Nesse sentido, se a vulnerabilidade é uma pré-condição para a humanização, e a humanização ocorre de maneira diferente por meio de normas variáveis de reconhecimento, entende-se que a vulnerabilidade depende fundamentalmente das normas existentes de reconhecimento a fim de ser atribuída a qualquer sujeito humano. (BUTLER, 2020, p.64)

O pensamento de Butler acolhe o conceito de vulnerabilidade social², que se refere às condições de pessoas, grupos ou populações em situação de

¹ Sobre o luto, Judith Butler traz um conceito importante em seu livro “Vida precária: os poderes do luto e da violência”. A filósofa se apoia no pensamento de Freud em “Luto e melancolia” ao afirmar que quando perdemos alguém, não sabemos ao certo o que se vai de nós junto à pessoa que perdemos. E que o luto se torna ainda mais difícil porque ele prescinde da aceitação dessa perda desconhecida. Nesse sentido não é apenas a perda da pessoa que se foi, mas certa parte de quem nós éramos com e a partir daquela pessoa. Segundo Butler, O luto é a constatação de que “(...) não somos apenas constituídos por nossas relações, mas também, despossuídos por elas”. (BUTLER, 2020, p. 44)

² No início dos anos 1980, foi adotada na área da saúde, a palavra vulnerabilidade em substituição ao termo “grupo de risco”, em referência aos grupos mais atingidos pela epidemia de HIV. O que se refletiu também no campo da assistência social que adjetivou a palavra acrescentando o termo social, para se referir às fragilidades aos quais algumas populações estão mais expostas em uma sociedade capitalista e desigual. “Devido ao precário acesso à renda, os sujeitos ficam privados ou acessam com mais dificuldade os meios de superação das

fragilidade ou risco, seja na esfera econômica, política ou social. São populações marginalizadas e/ou excluídas do acesso aos direitos básicos do cidadão como à alimentação adequada, à educação, à moradia, à saúde e à segurança. A vulnerabilidade desses grupos não diz respeito somente à pobreza, mas às condições históricas, culturais e sociais, e estas incluem questões de raça, de gênero, de etnia, de orientação sexual, entre outras coisas. Segundo Feito (2007) existem assim, espaços de vulnerabilidade: “algo como um ‘clima’ ou ‘condições desfavoráveis’ que expõem as pessoas a maiores riscos, a situações de falta de poder ou controle, à impossibilidade de mudar suas circunstâncias e, portanto, à falta de proteção”. (FEITO, 2007, p.11)³

Fica evidente que a vulnerabilidade antropológica se intensifica ao se associar à vulnerabilidade social, uma vez que a fragilidade fundamental do vivo/humano é potencializada por condições econômicas e sociais desfavoráveis. E isso se dá também, como consequência da ausência ou do mau funcionamento de políticas públicas de proteção a essas populações em situação de risco. A vulnerabilidade da população negra, por exemplo, ainda é muito maior em relação à população branca.⁴ Isso acontece por um conjunto de fatores que não estão ligados apenas à pobreza, mas de uma construção histórica escravagista e racista que estrutura a nossa sociedade. Pode-se dizer que a vulnerabilidade social potencializa a condição vulnerável intrínseca ao ser humano enquanto vivo. Porque não é uma fragilidade inata, mas uma produção humana em sua relação com o capital, com o meio e com o outro. O resultado é a produção de desigualdades que criam indivíduos mais vulneráveis que outros a partir das condições socialmente, politicamente, historicamente e culturalmente construídas.

Mas a vida corpórea que nos expõe ao mundo e às relações com os outros também implica em vulnerabilidades para além do perigo físico imediato. Para a filósofa Lisa Käll (2016), “a abertura constitutiva do corpo, isto é, a sua vulnerabilidade fundamental, e a incorporação da alteridade envolvem um elemento de risco ou possível perigo que não pode ser previsto, calculado ou gerido (...)”⁵ (KÄLL, 2016, p.2). A vida se compõe e se recompõe todo o tempo na relação com o outro. E este outro age em mim de maneira que não posso medir ou prever. Não é possível avaliar de fato em que grau, ou de que maneira os encontros acontecem no corpo e de que maneira o atinge.

vulnerabilidades vivenciadas, sejam tais meios materiais ou capacidades impalpáveis, como a autonomia, a liberdade, o autorrespeito. É nesse sentido que se torna possível associar a vulnerabilidade à precariedade no acesso à garantia de direitos e proteção social caracterizando a ocorrência de incertezas e inseguranças e o frágil ou nulo acesso a serviços e recursos para a manutenção da vida com qualidade”. (CARMO&GUIZARD, 2018, p.7)

³ Tradução da autora. Texto original: “Estos espacios serían algo así como un “clima” o unas “condiciones desfavorables” que exponen a las personas a mayores riesgos, a situaciones de falta de poder o control, a la imposibilidad de cambiar sus circunstancias, y por tanto, a la desprotección.” (FEITO, 2007, p.11)

⁴ Segundo estatística do Atlas da Violência no Brasil, “em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0” (Atlas da Violência, 2019, p. 49).

⁵ No original: “The constitutive openness of the body, that is, its fundamental vulnerability, and its incorporating of otherness involve an element of risk or possible danger that cannot be predicted, calculated, or managed and that is essential to finite life itself”. (KÄLL, 2016, p.2).

Segundo Kall, apesar de sermos corpos separados uns dos outros, de sermos massas que podem ser medidas e quantificadas (e por isso, termos também, fronteiras muito claras), nossos corpos “são interconectados tanto na medida em que partilham as linhas de demarcação distintivas uns dos outros como na medida em que as fronteiras partilhadas entre eles os tornam partes de um todo” ⁶ (KALL, 2016, p.1). E nem mesmo esse “todo” seria possível demarcar com linhas definitivas, porque as relações não cessam de nos modificar, num movimento contínuo de fazimento e refazimento dos corpos e seus afetos. Ainda que as dimensões e fronteiras de um corpo possam ser mensuráveis, “elas não são de modo algum fixas e imutáveis; ao contrário, os corpos se materializam continuamente de novas maneiras à medida que suas fronteiras são desenhadas e redesenhadas, reforçadas, transgredidas e alteradas”. (KÄLL, 2016, p.1) ⁷.

É possível mensurar as contaminações e atravessamentos que nos afetam nas redes de encontro entre os corpos que se sucedem? Se a linha que nos delinea enquanto singularidade está sempre em movimento, isso não é provável, pois ela vai se desenhando continuamente criando combinações não só em meu corpo aberto ao mundo, como também no mundo aberto ao meu corpo, tornando o que é o dentro e o que é o fora dependente e indivisível. Nas palavras do filósofo Merleau Ponty, citadas por Lisa Käll: “O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.546).

Como uma fita de Moebius⁸, o dentro e o fora se confundem, porque não funcionam a partir da construção binária que elegemos como forma de compreensão do mundo. Como pensamos, sentimos e agimos são uma coisa só, e a intensidade dos afetos parece depender justamente da vulnerabilidade com que nos permitimos vivenciar a imprevisibilidades da vida e das relações. É preciso estar vulnerável emocionalmente, pois a vulnerabilidade do vivo quando se refere ao humano inclui não só os danos físicos intensificados pelos fatores sociais, como também sofrimentos psíquicos e emocionais em decorrência das relações estabelecidas com outros corpos e com o mundo.

Foi nessa direção que a pesquisadora Brené Brown (2013), desenvolveu um estudo no qual afirma que “a vulnerabilidade não é algo bom nem mau: não é o que chamamos de emoção negativa e nem sempre é uma luz, uma experiência positiva. Ela é o centro de todas as emoções e sensações. Sentir é estar vulnerável” (BROWN, 2013, p. 27). Vulnerabilidade é entendida por Brown, como a nossa capacidade de correr riscos emocionais que podem nos colocar em contato com emoções dolorosas como o medo, a

⁶ No original: “Bodies are interconnected both insofar as they share one another’s distinctive lines of demarcation and insofar as the shared boundaries between them make them parts of one whole”. (KALL, 2016, p.1).

⁷ No Original: “Further, even though the dimensions and borders of a body can be measured, they are by no means fixed and unchangeable; rather, bodies continuously materialize in new ways as their boundaries are drawn and redrawn, reinforced, transgressed, and altered”. (KALL, 2016, p.1).

⁸ “A fita de Möbius foi criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, em 1858. Sua representação mais comum e conhecida é como um símbolo do infinito. (...) Uma das características mais fascinantes da fita de Möbius é ser o que os matemáticos chamam de “objeto não orientável”, ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora”. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>

vergonha, a decepção e a tristeza. Assim como dos sentimentos de não ser bom/boa o bastante, de não ser amado/a ou aceito/a que podem nos levar ao isolamento da vida, a fim de nos afastarmos de tudo que pode levar a qualquer tipo de sofrimento emocional. Por isso, a pesquisadora identifica a capacidade de viver a vulnerabilidade mais próxima da coragem e da aceitação de si.

Nessa perspectiva, a vulnerabilidade é vista como um afeto comum a todos nós, que pode nos atingir em dimensões e graus variados, mas que, ao mesmo tempo, pode se tornar uma força de ação a partir da sua aceitação. Abraçar a vulnerabilidade seria também, assumir o nosso desamparo fundamental e, assim, abrir espaço para criação e para a produtividade. Isso porque paramos de esperar do outro o amparo que nos falta, nos abrimos à incerteza que rege a vida, e vamos em direção à emancipação, como afirma o filósofo Vladimir Safatle (2020) retomando o conceito de Freud:

O desamparo não é algo contra o qual se luta, mas algo que se afirma. Pois, ao menos para Freud, podemos fazer com o desamparo coisas bastante diferentes, como transformá-lo em medo, em angústia social, ou partir dele para produzir um gesto de forte potencial liberador: a afirmação da contingência e da errância que a posição de desamparo pressupõe, o que transforma esses dois conceitos em dispositivos maiores para um pensamento de transformação política. (SAFATLE, 2020, p.18).

As três dimensões provisórias da vulnerabilidade aqui esboçadas, não existem de forma separada. Elas estão sempre em intersecção, pois se atravessam e se implicam todo o tempo, tornando complexa e multifacetada o pensamento sobre o vulnerável. Porque são modos que se agenciam a partir das relações que estabelecemos ou dos confrontos que promovemos ou somos submetidos a partir dos encontros. Na coexistência das dimensões humana social e existencial, as vulnerabilidades são percebidas de modo singular e pessoal, ou seja, relativo a cada pessoa e suas condições específicas. Ao mesmo tempo, me arrisco a dizer que talvez exista um sentimento de vulnerabilidade comum que nos toca enquanto seres humanos, como um afeto coletivo, partilhado e reconhecível a todos da espécie. É no campo dessa vulnerabilidade compartilhada que gostaria de caminhar, a partir de agora, no terreno da criação artística.

O objetivo é tentar encontrar no afeto da vulnerabilidade um instrumento de criação e de partilha do sensível. “Vulnerar” como uma ação e uma prática de entrega ativa aos fluxos e afetos e como meio de nos aproximarmos do outro enquanto vivo e também vulnerável. Desenvolver a vulnerabilidade como uma disponibilidade atenta a essas contaminações e atravessamentos, poderia ser uma prática e uma qualidade a ser desenvolvida pelo performer? Seria possível certo “estado de vulnerabilidade” como um princípio capaz de produzir abertura e “atentividade” ao outro, ao meio, e a si mesmo - ou aquilo que chamamos de “entrega” e “escuta”? A fim de refletir sobre o assunto descrevo as imagens de duas ações artísticas:

1ª imagem: uma mulher está sentada, com os pés descalços, em uma cadeira. À sua frente vemos outra cadeira vazia. Ela segura um cartaz feito com uma cartolina branca. Nele está escrito “Converso sobre qualquer assunto”. À medida que o tempo passa, vemos pessoas se sentando e conversando com a mulher. Sobre o que conversam? Sobre qualquer assunto.

2ª imagem: Uma mulher se movimenta pelas ruas de um centro urbano de olhos fechados. Com as mãos estendidas para frente, a mulher procura tocar tudo que sua mão pode alcançar. Inevitavelmente também é tocada.

As imagens descritas são performances pensadas e performadas pela artista e pesquisadora Eleonora Fabião.⁹ As ações foram, inicialmente, realizadas na cidade do Rio de Janeiro¹⁰, e posteriormente em outros lugares como São José do Rio Preto (Brasil), Berlim (Alemanha) e Bogotá (Colômbia). Nas duas ações destacarei três pontos em comum: o espaço público, a precariedade, e a disponibilidade para o acontecimento.

Os pés descalços da primeira ação parecem definir o código de conduta ética de todas as proposições da artista: ela se mostra desarmada e vulnerável. Na ação, seus pés não só aceitam o chão gasto e sujo do espaço público, mas também o reverencia como quem tira os sapatos diante da porta para entrar na casa de seu anfitrião. Ao mesmo tempo, quando a artista propõe ao passante “Converso sobre qualquer assunto”, ela já se coloca em uma posição ativa diante da ação. Quem conversa participa de uma troca na qual é convidado a falar, mas também precisa escutar. Eleonora se mostra receptiva e disponível, mas “não como tela branca na qual o espectador faz o que bem entende. Não se trata de um corpo que se martiriza, ainda que os desafios a ele sejam às vezes exaustivos. O corpo de Eleonora é, em uma palavra, propositivo”. (COSTA, 2015, p. 263).

A segunda imagem descreve a “Série precários: toco tudo”. O programa performativo descrito por Eleonora Fabião é: “Com local de partida e chegada preestabelecidos, caminhar com os olhos fechados. Aceitar a ajuda de estranhos. Tocar e ser tocada.” (FABIÃO, 2015, p. 140). De posse apenas de seu corpo e das suas capacidades de caminhar, tocar, sentir, ouvir e falar, a artista perambula na escuridão. Conduzida pela precariedade da ação, aceitar a ajuda de estranhos é uma premissa importante para que consiga completar o trajeto previamente estabelecido. Parece inimaginável que uma pessoa tenha a coragem de fechar os olhos em um local público e movimentado e se lançar nesse espaço a princípio tão inóspito e perigoso. Existe o risco real e iminente de ser ferida, e o fato de ser uma mulher a torna potencialmente mais vulnerável. Mas à Eleonora parece interessar jogar com essas fragilidades, invertendo os polos de energia, e transformando o negativo em positivo. O que poderia ser visto como falta, como ausência, se transforma em potência e em motor da ação. O que poderia ser sentido apenas como desamparo, produz a liberação e a emancipação defendidas por Safatle: “o afeto que nos abre para os vínculos sociais é o desamparo” (SAFATLE, 2020, p. 42)

O programa performativo¹¹ de cada ação pensada pela artista aponta a direção e o rigor implicados na ação. Mas é apenas um fio condutor,

⁹ As ações brevemente descritas são respectivamente: “Ação Carioca#1: Converso sobre qualquer assunto” e “Série precários: toco tudo”. As performances fazem parte de duas séries: “Ações Cariocas” e “Precários”, e foram registradas no livro “Ações”(2015), organizado pela artista Eleonora Fabião e por André Lepeck.

¹⁰ O Largo da Carioca fica localizado no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil. É um local de intensa passagem de pessoas vindas de vários lugares do estado.

¹¹ Conceito pensado por Eleonora Fabião e que pode ser encontrado no artigo “Programa Performativo: o corpo-em-experiência”. (FABIÃO, 2013)

pois os desdobramentos que as propostas de Fabião disparam na relação com o espaço, com o tempo e com o outro, não são previsíveis. A performer é ao mesmo tempo, catalisadora e receptora. Ela precisa estar atenta para perceber, escutar e transduzir o que acontece nos/dos encontros que propõe. A vulnerabilidade percebida nessas ações é um afeto que parece garantir essas passagens: olhar e ver sem julgamento, falar e ouvir com escuta afetiva e generosidade, assimilar e sentir com abertura e sensibilidade. E a artista apreende tudo como uma alquimista, transformando matérias de naturezas distintas com confiança no processo, precisão e perspicácia nas trocas operadas pela diferença.

Eleonora também aponta para a precariedade existente em suas ações. O precário não é visto por ela como inferior, ou como coisa incompleta e descuidada. Pelo contrário, o precário somado à ideia corrente de efêmero (muito relacionada às artes da presença), ganha longitudes e latitudes na cartografia da “cena-não-cena” da artista.¹²

“No sentido performativo, a potência do precário deriva da maneira como ele difere, e também adiciona, à noção de efêmero (termo frequentemente utilizado para conceituar o aspecto temporal da performance). Se o efêmero é transitório, momentâneo, breve (o oposto do permanente), o precário é instável, movido, arriscado (o oposto do seguro, estável, protegido). Se o efêmero é diáfano, o precário é vibrátil. Se o efêmero denota desaparecimento e ausência (predicado então que, em certo momento, algo foi inteiramente dado a ver), a precariedade denota incompletude de toda aparição como sua condição corpórea e dinâmica constitutiva. Se o efêmero pode abrir espaços de melancolia, a urgência material do precário enerva corpos e espaço.” (FABIÃO, 2015, p. 157)

O precário é instável e inseguro como a vulnerabilidade antropológica inerente ao vivo, uma vez que o início da nossa jornada enquanto humanos acontece na potencialização das nossas fragilidades, na dependência do outro para a continuidade da vida. Nascemos precários e incompletos. E encontramos no outro o amparo para continuar nossa caminhada. Judith Butler, também aponta para a ideia da precariedade do corpo como constitutivo do humano, enquanto um ser social, conectado a outros corpos e exposto a vida pública e comunitária. Nesse sentido, afirma que o sentimento de desamparo e de vulnerabilidade “parecem se originar do fato de sermos corpos socialmente constituídos, apegados a outros correndo o risco de perder tais ligações, expostos a “outros”, correndo o risco de violência por causa de tal exposição”. (BUTLER, 2020, p. 40).

De certa forma, Eleonora reativa essa memória do desamparo ao lançar seu corpo no espaço urbano de olhos fechados: cega e indefesa aos cuidados dos outros. Mas ela confia. Não espera o amparo, o acolhe. Seu corpo é “vibrátil” (conceito de Suely Rolnik), pois é corpo que perceptivo e ativo segue “escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando

¹² “A performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais: trata-se da fundação de uma cena-não-cena equiparável ao teatro-não representacional vislumbrado por Antonin Artaud”. (FABIÃO, 2009, p. 6).

o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido”. (ROLNIK, 2006, p.52).

A precariedade do seu corpo suscetível ao provável e ao improvável do percurso às cegas se torna potência, porque provoca uma resposta do outro. Alguns respondem com o desprezo, outros com o cuidado, mas não com indiferença. Nesse sentido, ela confronta o outro, sem ameaçar, porque permite a ele ou ela que a toque, a direcione, a encaminhe, a ampare. Um amparo sem falta, sem ausência, sem expectativa. A vulnerabilidade da artista é acolhida como um princípio intensificador e produtor dos encontros.

Não somos deuses, é verdade, somos mortais. Mas é também nossa condição humana que nos permite a abertura para experimentar afetos e matérias sutis e intensivas produzidas nas relações com o mundo e com os outros. Me parece que nesse quesito os artistas são alquimistas, manipulam e transformam essas forças invisíveis, mas desde que estejam disponíveis e suscetíveis. A vulnerabilidade seria então, como a pedra filosofal da criação artística, possibilitaria a captação desses fluxos invisíveis, transformando as matérias mais sutis, reconfigurando territórios e criando novos mundos possíveis. Mas a vulnerabilidade exige coragem. E a coragem é a capacidade de agir com o coração.

Referências bibliográficas:

Atlas da violência 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública [Org.]. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Fonte: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

BROWN, Brené. *A coragem de ser imperfeito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

Butler, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CARMO, Michelly Eustáquia. GUIZARD, Francini Lube. *O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social*. Cadernos de Saúde Pública. Vol.34, no. 3: Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, Pablo Assumpção B. *Eleonora e o corpo performativo: poéticas do ato, materialidades do encontro*. In: FABIÃO, Eleonora. *Ações*. Fabião, Eleonora e André Lepecki (eds.). Coleção Rumos. Rio de Janeiro: Itáu Cultural, 2015.

FABIÃO, Eleonora. *Ações*. Fabião, Eleonora e André Lepecki (eds.). Coleção Rumos. Rio de Janeiro: Itáu Cultural, 2015.

_____. *Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. In: *Próximo Ato: teatro de grupo*. ARAÚJO, Antônio; AZEVEDO, José Fernando e TENDLAU, Maria. (orgs.) São Paulo: Itáu Cultural, 2009. (p. 235-246).

Fonte: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>

_____. *Programa Performativo: o corpo-em-experiência*. In: ILINX Revista do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da UNICAMP): # 4, 2013, p. 1-11.

Fonte: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>

FARIA, Ernesto (Org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro MEC, 1962.

FEITO, Lydia. *Vulnerabilidad*. An. Sist. Sanit. Navar. vol 30, supl. 3, p. 7-22: Madri, 2007.

- FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Porto alegre, RS: L&PM, 2010.
- _____. *O futuro de uma ilusão*. Porto alegre, RS: L&PM, 2019.
- _____. *Inibição, sintoma e medo*. Porto alegre, RS: L&PM, 2019.
- KÄLL, Lisa Folkmarson. *Vulnerable Bodies and Embodied Boundaries*. In: *Bodies, Boundaries and Vulnerabilities: Interrogating Social, Cultural and Political Aspects of Embodiment*. Springer International Publishing Switzerland, 2016, p. 1-12.
- LIGIÉRO, Zeca. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- _____. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N1 edições, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.